



WALQUÍRIA JANUÁRIO CAVALCANTE, THAIS GOMES DE VASCONCELOS, ALBA CLEIDE CALADO  
WANDERLEY – Universidade Federal da Paraíba

## OS JORNAIS COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA O ENSINO- APRENDIZAGEM SOBRE AFRO-BRASILEIROS

### RESUMO

Este artigo apresenta estudos que vêm sendo realizados junto ao Projeto Afro-brasileiro em jornais impressos paraibanos: uma proposta pedagógica afrocêntrica. Temos por objetivo apresentar, sob a perspectiva da semiótica, a imagem dos negros nos jornais e o uso desses impressos no processo de ensino-aprendizagem.

Metodologicamente, utilizaremos os jornais impressos A União, do ano de 1970, com ênfase nas imagens e notícias que referenciavam o povo negro no Estado da Paraíba, durante a ditadura militar, para constatar como a imagem do negro foi associada aos cadernos de esporte, religião, cultura, sociedade e reportagens policiais, e se nesses espaços predominaram a imagem negativa e qual a participação ativa do negro na sociedade. Tais constatações servirão para identificar qual o lugar que os negros ocuparam nos impressos paraibanos, como também possibilitar o despertar do olhar crítico sobre a mídia que apresenta as informações a partir de um determinado modelo social. A elaboração do artigo conta com a contribuição teórica de Asante (2009), Lima (2017), Schimidt e Caineli (2004), Santaella (1983), dentre outros. Por fim, consideramos que os estudos na perspectiva da semiótica são pouco explanados, e que esta metodologia possibilita estudar do ponto de vista histórico e para fins educativos a contribuição dos negros no Brasil, assim como sugerido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 20 de dezembro de 1996 e na Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

**Palavras-chave:** Afro-brasileiro, Impressos, Proposta pedagógica.

### ABSTRACT

This article presents studies that have been carried out with the Afro-Brazilian Project in printed newspapers in Paraíba: an afrocentric pedagogical proposal. We aim to present, from the perspective of semiotics, the image of black people in newspapers and the use of these printed texts in the teaching-learning process. Methodologically, we will use the printed newspapers A União, of the year of 1970, with emphasis on the images and news that referred the black people in the State of Paraíba, during the military dictatorship, to verify how the image of the negro was associated with the sports books, religion, culture, society and police reports, and whether the negative image prevailed in these spaces and what was the active participation of the blacks in society. These findings will serve to identify the place that the black people occupied in the mentioned printed newspapers, as well as to enable the awakening of the critical eye on the media that presents the information from a certain social model. The elaboration of the article counts on the theoretical contribution of Asante (2009), Lima (2017), Schimidt and Caineli (2004), Santaella (1983), among others. Finally, we consider that the studies in the perspective of semiotics are little explained, and that this methodology makes it possible to study from a historical point of view and for educational purposes the contribution of black people in Brazil, as suggested in the Law of Guidelines and Bases of National Education (LDB), of December 20, 1996 and Law 10.639, of January 9, 2003.

**Keywords:** Afro-Brazilian, Printed, Afrocentric pedagogical proposal



WALQUÍRIA JANUÁRIO CAVALCANTE, THAIS GOMES DE VASCONCELOS, ALBA CLEIDE CALADO  
WANDERLEY – Universidade Federal da Paraíba

## INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto dos estudos realizados junto ao Programa de Licenciatura - PROLICEN, intitulado Afro-brasileiros em jornais impressos paraibanos: uma proposta pedagógica afrocêntrica. Este se propõe a apresentar, sob a perspectiva da semiótica, a imagem do negro nos impressos e o uso dos jornais no processo de ensino-aprendizagem, especialmente na perspectiva da disciplina de história, pelo fato de contribuir para a construção da consciência histórica relacionada ao povo negro.

Ao que concerne à representação social dos afro-brasileiros, observa-se que suas contribuições culturais, historicamente, foram pouco apresentadas, na medida que foi associada ao passado de submissão e resistência; daí a importância de se rememorarem os feitos dos negros, por meio do ensino, e uma das ferramentas que pode ser utilizada são os documentos, como os jornais impressos.

De acordo com o que Schimidt e Caineli (2004) apresentam, a palavra documento, no ensino de história, apresenta duas perspectivas: a primeira remete aos suportes informativos com fins didáticos, como, por exemplo, o livro didático e os mapas; a segunda, à fonte, ou seja, fragmentos ou indícios de situações que podem ser explorados pelos professores de história.

Portanto, para sistematização deste trabalho, este foi dividido em três momentos: no primeiro, apresenta-se o contexto histórico; em seguida, busca-se retomar brevemente um pouco da história dos afro-brasileiros na sociedade brasileira; e, no terceiro, identifica-se a imagem dos afro-brasileiros nos impressos e as possibilidades do ensino-aprendizagem a partir dos jornais impressos paraibanos. Nessa perspectiva, estudar os impressos possibilita a identificação de várias informações que refletem valores propagados na sociedade, sejam positivos ou negativos.



WALQUÍRIA JANUÁRIO CAVALCANTE, THAIS GOMES DE VASCONCELOS, ALBA CLEIDE CALADO  
WANDERLEY – Universidade Federal da Paraíba

## BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

A história baseada no documento é fruto do fenômeno de meados do século XIX, todavia neste momento os professores do Ensino de História, muitas vezes, restringiam-se a apresentar o conhecimento de forma passiva para que o acontecimento exposto estivesse análogo ao sucedido. Desse modo, o ensino era considerado tradicional e positivista, buscava apresentar a genealogia da história da nação, e, do ponto de vista didático, a imagem ou texto buscava trazer a “real” história e legitimar o discurso do professor, conforme se pode depreender do trecho a seguir:

Nessa perspectiva, o documento histórico servia para pesquisa e para o ensino como prova irrefutável da realidade passada que deveria ser transmitida ao aluno. Este era visto como mero receptor passivo e preocupado em decorar o conteúdo ou o ponto ensinado (SCHIMIDT; CAINELI, 2004, p. 90-91).

Nesse contexto, não se utilizava a semiótica, ou seja, o ato de interpretação de um texto ou imagem numa perspectiva crítica e reflexiva, mas metodologicamente a valorização da história oficial e registrada.

Com o advento do século XX, uma nova perspectiva historiográfica passou a ser elaborada. Influenciada pela *Escola dos Annales*, uma nova concepção de documento histórico foi formada, quando este passou a ser produto de uma sociedade e testemunho do passado que deveria ser lido de forma crítica; neste momento, também se ampliou o leque das fontes, à medida em que passaram a ser considerados filmes, músicas, imagens etc., assim como também as histórias das novas personagens, além das elites, passaram a ser abordadas.

A partir de então, o ensino de história passou a sofrer a influência da Escola Nova, em que o aluno deveria ser centro do processo de aprendizagem. De acordo com o que dizem Schimidt e Caineli (2004, p. 93), “[...] a utilização dos documentos tornou-se uma



WALQUÍRIA JANUÁRIO CAVALCANTE, THAIS GOMES DE VASCONCELOS, ALBA CLEIDE CALADO  
WANDERLEY – Universidade Federal da Paraíba

forma do professor motivar o aluno para o conhecimento histórico, de estimular suas lembranças e referências sobre o passado e, dessa maneira, tornar o ensino menos livresco e dinâmico”. Nesse sentido, dever-se-ia romper com a passividade do aluno; todavia, o ensino tradicional predominou ainda por muitos anos, apresentando o africano em segundo plano. Segundo o que Asante (2009, p. 97) diz, é preciso demonstrar compromisso quanto ao “lugar do africano como sujeito em quase todo evento, texto e ideia (*sic*)”, isto é, identificar onde o negro entra como sujeito na história.

Atualmente, o jornal impresso poderia ser uma das formas primordial para o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, pois permite aproximar os alunos das realidades passadas e presentes. Nesse contexto, o professor torna-se um mediador do conhecimento, podendo apresentar várias maneiras de pensar a história dos afro-brasileiros, salientando a forma de trabalhar tal periódico, pois este possui abordagens bastante sugestivas. Destarte, vale manifestar que, metodologicamente, tomaram-se por referências as notícias que remetiam à representação dos negros nos jornais impressos *A União*, do ano de 1970<sup>1</sup>, no Estado Paraíba, e que a análise partiu dos conceitos da semiótica, elaborados por Pen (2015) e Santaella (1983).

De acordo com o que Santaella apresenta, a semiótica como ciência foi difundida quase que simultaneamente nos Estados Unidos, União Soviética e Europa Ocidental. Tal desenvolvimento teve início a partir da Revolução Industrial, quando ocorreu a ampliação das linguagens e difusão de informação. “A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.” (SANTAELLA, 1983, p. 9).

Portanto, com base nesta concepção, deve-se ter um olhar crítico para as imagens, para assim se identificarem, nesta forma de explorar a comunicação, as várias informações que refletem os valores propagados na sociedade.

---

<sup>1</sup> Os jornais aqui utilizados fazem parte da catalogação disponibilizada no grupo de estudos GEINCOS-CE.



WALQUÍRIA JANUÁRIO CAVALCANTE, THAIS GOMES DE VASCONCELOS, ALBA CLEIDE CALADO  
WANDERLEY – Universidade Federal da Paraíba

## OS AFRO-BRASILEIROS NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Ainda há muita resistência na sociedade brasileira quanto à aceitação da cultura afro-brasileira. Marcados por um passado de submissão, inferioridade e resistência, os negros, que foram deslocados inicialmente para o Brasil como mão de obra escravizada, deram muitas contribuições culturais, quais sejam: culinária, música, vestimentas, religião, ou outros elementos. Todavia, dentre estas manifestações culturais, a religião é a que sofreu, e ainda sofre, bastante preconceito, pois se outrora os africanos tiveram que disfarçar a adoração à sua divindade, na medida que a predominância e aceitação social eram dos dogmas tradicionais da Igreja Católica, ainda hoje se escutam terminologias pejorativas quanto às religiões de matrizes africanas.

Nesse contexto, ao não se reconhecerem as contribuições dos negros, houve por longo tempo a associação da sua imagem à escravização ou ao trabalho forçado e desqualificado. Outro fator que se destaca na sociedade brasileira é a miscigenação: brancos, negros, índios e imigrantes que se estabeleceram ao longo dos anos passaram a constituir essa nação. Dessa forma, segundo o que Munanga (2004, p. 51) esclarece: “não é fácil definir quem é negro no Brasil”. É preciso comprometer-se para desmitificar situações que remetem ao preconceito e submissão, situações estas em que, às vezes, o próprio indivíduo afro-brasileiro se coloca.

Partindo dessa questão e comprometidos com uma nova forma de olhar o povo negro, foi elaborado um novo conceito a partir dos estudos da afrocentricidade. Segundo o que diz Asante (2009, p. 94) somos afrocêntricos sem precisar ter práticas e costumes, pois “afrocentricidade é a conscientização sobre a agência dos povos africanos”. É a consciência que nós devemos-nos dispôr para conosco e com o outro, desmitificando o padrão europeu, sendo protagonistas de nossa própria história.

Nessa perspectiva, o preconceito que deve ser desconstruído também é o léxico do dia-a-dia, pois, quase que automaticamente, falam-se palavras ou frases que são



WALQUÍRIA JANUÁRIO CAVALCANTE, THAIS GOMES DE VASCONCELOS, ALBA CLEIDE CALADO  
WANDERLEY – Universidade Federal da Paraíba

racistas, muitas vezes baseadas em estereótipos historicamente construídos. Quanto ao nosso lugar enquanto afro-brasileiros, Asante (2009, p. 99) manifesta que: “Com respeito à literatura, à história, à economia e ao comportamento africanos, os autores eurocêntricos sempre colocaram a África em um lugar inferior em relação a qualquer campo de pesquisa, numa deliberada falsificação do registro histórico.” Nesse sentido, faz-se necessário ter compromisso ao contar a história dos africanos: expressar suas lutas, conquistas e contribuições. Como também encontrar o lugar do afro-brasileiro em cada texto, imagem, evento, culinária, dança, arte, entre outros, pois a contribuição africana teve e ainda hoje tem relevância, devendo assim ter um “lugar de centralidade”.

Logo, retomar um pouco desse passado histórico, político e sociocultural possibilita refletir, ainda que brevemente, sobre o lugar que muitos negros ocuparam no Brasil. Desse modo, ressalta-se a importância de se compreender também sua imagem nos jornais impressos, especialmente no referido jornal paraibano no ano de 1970, período de vigência da ditadura militar.

## **UM OLHAR PARA A IMAGEM DO NEGRO ATRAVÉS DA SEMIÓTICA IMPRESSA E O ENSINO DE HISTÓRIA**

De acordo com os estudos realizados por Lima (2017), o Jornal *A União*, no Estado da Paraíba, apresentou, durante o ano de 1970, 92 textos-imagens que fizeram referência aos afro-brasileiros, e estas notícias se distribuíram da seguinte maneira: 36% esporte, 15% religião, 15% cultura, 10% internacional, 9% sociedade, 6% policial, 3% política, 2% diversos, 1% ação social, 1% ditames da época, 1% saúde e 1% coluna social. Ainda nas palavras da autora:

Os afro-brasileiros contribuíram como sujeitos construtores da história paraibana, no entanto, no cenário de informação expressos, esses sujeitos são pouco visibilizados pelos jornais impressos paraibanos. Os



WALQUÍRIA JANUÁRIO CAVALCANTE, THAIS GOMES DE VASCONCELOS, ALBA CLEIDE CALADO  
WANDERLEY – Universidade Federal da Paraíba

espaços dos jornais impressos destinados aos afro-brasileiros são restritos, pontuais e direcionados para estereotipar, marginalizar, desqualificar, discriminar o ser humano que está revestido com a pele negra (LIMA, 2017, p. s/n).

De fato, ao se verificarem cuidadosamente as notícias que se considera como referência ao negro, ou seja, característica do fenótipo, nota-se que muitas vezes ele é apresentado em situações de vulnerabilidade. Assim, vale manifestar que, durante o ano de 1970, apresentou-se timidamente a participação ativa do negro na sociedade paraibana por meio do periódico. A imagem do Pelé no futebol e a divulgação do evento, II Mostra Paraibana de Umbanda, durante todo o ano, que seria realizada em agosto do mesmo ano, são algumas das ressalvas. Claro que isso não significa a valorização e aceitação unânime da cultura afro-brasileira, mas se se considera o que Capelato (1998, p. 15) diz sobre os jornais, ou seja, que “A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos”, pode-se perceber a tentativa de inserir a discussão da cultura afro-brasileira na sociedade paraibana, o que mostra um tímido avanço, muito embora a figura do negro de acordo com os levantamentos realizados por Lima (2017) apresentem que “36%” do noticiário jornalístico é sobre esporte, mas não enfatiza o negro que é o protagonista.

Embora o presente artigo não permita fazer uma narrativa sobre cada representação que aparece nos jornais, serão destacadas duas imagens. A primeira notícia intitulada “O sertanejo será sempre um forte?” traz em seu centro a representação de um homem e uma mulher pobres, negros, com rostos cansados, possivelmente da luta diária. O homem utiliza uma camisa branca e aberta, possui o pescoço magro e um chapéu com aspecto de gasto pelo tempo. Já a mulher está com a cabeça coberta e com blusa de manga longa estampada. Ambos estão com olhar inclinado para o chão.



WALQUÍRIA JANUÁRIO CAVALCANTE, THAIS GOMES DE VASCONCELOS, ALBA CLEIDE CALADO  
WANDERLEY – Universidade Federal da Paraíba

O autor Batista (1970) provoca que talvez seja um pagamento por conta do pecado da humanidade: “Parece mais a própria Natureza castigando o homem por algum pecado capital.”. De modo que não se entende no presente artigo tal situação como um castigo, mas que “colhemos o que plantamos”. O homem não obedece aos mandamentos de Deus que nos manda agir da seguinte maneira: “amai-vos uns aos outros”; o ser humano costuma ser egoísta, hipócrita e não consegue enxergar o próximo em suas necessidades. Admira-se a força e resistência do sertanejo e não se faz nada para ajudá-lo, o qual continua sendo escravizado e discriminado, assim como se fez e ainda se faz com os negros na sociedade brasileira: “os negros são fortes e têm resistência”, mas continuam sendo tratados com atitudes racistas.

Segue abaixo o semblante do casal de sertanejos para se observe tamanha desilusão.

Imagem I: Sertanejos



Fonte: BARROS, Tom. In: Jornal A União, 1970.

A notícia que acompanha a reportagem diz que os sertanejos sofrem muito quando ocorrem as estiagens, a vegetação não floresce e fica à espera das chuvas, o que recrudescer suas rezas, chegando a procurar outros locais para habitar.



WALQUÍRIA JANUÁRIO CAVALCANTE, THAIS GOMES DE VASCONCELOS, ALBA CLEIDE CALADO  
WANDERLEY – Universidade Federal da Paraíba

Conforme descrito no jornal: “São levas de pessoas, homens, mulheres e crianças, que se utilizam dos mais variados meios, fogem a todo custo e como podem carregando consigo, com suas angústias, a visão de suas ilusões perdidas.” (BATISTA, 1970, p. s/n). A partir desta matéria jornalística, pode-se fazer a leitura da linguagem visual, reunida à escrita, colocando-as em determinado contexto histórico, ou seja, o problema da seca na região do Nordeste, especialmente no Sertão. E a luta constatada dos seus sujeitos, na época, pela sobrevivência, além da descrição cotidiana do sertanejo, conforme se pode depreender do trecho a seguir:

A transição terrena é antes de tudo, para êle, homem rude e espaço de tempo entre o início de tudo e a imortalidade.  
Trabalham de empreitada, plantando o roçado, para na colheita dividi o lucro com o patrão. Campeiam o gado, sem se importar com a inclemência do tempo. Com raras excessos, seus filhos não sabem lêr, e seguem o mesmo caminho do pai (BATISTA, 1970, p. s/n).

Tal narrativa descreve o período de estiagem e mostra o negro como resistente às adversidades do lugar, mas também mostra a desigualdade social brasileira, uma vez que, mesmo trabalhando cotidianamente de sol-a-sol, os lucros foram para o latifundiário, e os trabalhadores continuaram a perpetuar sua ignorância por falta de condições de conquistar status melhores.

Mas a história do negro também apresenta conquistas, como já citado anteriormente, a exemplo da confraternização que ocorreu no Teatro Santa Rosa, durante a II Mostra Paraibana de Umbanda, promovido pela Federação dos Cultos Africanos na Paraíba e Sociedade Cultural de João Pessoa. Dias após a realização do evento, foram noticiados os resultados, considerando a coragem por parte dos organizadores, pois pouco se conhecia da religião africana, conforme evidenciado na notícia do jornal A União:



WALQUÍRIA JANUÁRIO CAVALCANTE, THAIS GOMES DE VASCONCELOS, ALBA CLEIDE CALADO  
WANDERLEY – Universidade Federal da Paraíba

ORA, todos sabemos que há alguns anos era a umbanda considerada “uma coisa de outro mundo” ou mesmo “uma coisa de macumbeiros”. E o pau corria frouxo em que se metesse dentro daquilo que impropriamente se propala: o Xangô. Este, um orixá ou deus da mitologia afro-brasileira. E o governo do Estado, em boa hora, aplacou a fúria dos incautos e leigos no assunto (JORNAL A UNIÃO, 1970, p. 3).

Nesse sentido, percebe-se o quão difícil foi conquistar a divulgação dessa manifestação religiosa em público, para demonstrar que não se trata do que se fala a “boca miúda”, ou seja, a Umbanda é formada do sincretismo religioso (diferentes cultos e doutrinas), tendo que “*desafricanizar*” e “*embranquecer*”, para não sofrer perseguição. Cabe ressaltar que, em 1939, surge a primeira Federação de Umbanda, a União Espiritista de Umbanda do Brasil (UEUB).

Além de noticiada, a II Mostra Paraibana de Umbanda teve suas imagens divulgadas. Na imagem, encontram-se dezesseis pessoas, sendo sete mulheres, oito crianças e um homem vestido de roupa preta. Todas as personagens apresentam fenótipo negro. As mulheres vestem vestidos brancos, rodados, longos e com uma fita ao redor da cintura; em sua cabeça, está um pano da mesma cor enrolado na cabeça, possivelmente um turbante. As crianças, meninos com calça e camisa manga curta, e as meninas, assim como as adultas, de vestido. Todos estão no palco, para apresentação da amostra de umbanda, conforme se pode conferir na imagem II.

A partir da perspectiva da semiótica, por meio da qual, conforme Penn (2015, p. 324) diz, “o ato de ler um texto ou uma imagem é, pois, um processo interpretativo”, pode-se pontuar certos aspectos da imagem dos negros nestas duas situações ou imagens apresentadas acima, as quais fazem refletir sobre a construção histórica do negro na sociedade em dois vieses. O primeiro como processo de seca enfrentado pelos sertanejos e o segundo como uma das religiões presentes na sociedade paraibana. De modo que cabe ao professor mediar o método de fazer a leitura do periódico, de maneira crítica, pois, ainda que não seja objetivo fazer dos alunos pequenos historiadores, desenvolver certa metodologia de compreensão dos jornais faz com que esses alunos

WALQUÍRIA JANUÁRIO CAVALCANTE, THAIS GOMES DE VASCONCELOS, ALBA CLEIDE CALADO  
WANDERLEY – Universidade Federal da Paraíba

elaborem novos conceitos e desenvolvam a facilidade com as leituras dos jornais contemporâneos, tornando-se leitores pensantes e críticos.

Imagem II: II Mostra Paraibana de Umbanda



Fonte: Jornal A União, 12.08.1970.

Para Faria (2005, p. 13), “o primeiro objetivo da pedagogia da informação é, pois, ensinar o aluno a se situar no caos desse excesso de informação (tanto no que diz respeito a fatos históricos importantes como os fatos miúdos do cotidiano)”, na medida que ambos podem contribuir para a formação dos cidadãos. Nesse sentido, Schimidt e Caineli destacam a importância de se desenvolverem três etapas ao se trabalhar com o documento: a primeira, a introdução, voltada à apresentação do documento; a segunda, o desenvolvimento, em que serão trabalhadas as questões pertinentes escolhidas para aula; e a terceira, a conclusão, quando deve ser discutido o tema apresentado.

O jornal como recurso metodológico pedagógico deve ser utilizado para pesquisar, analisar, coletar dados e informações. Dessa forma, o professor deve indagar junto com os alunos: Como o afro-brasileiro é representado? O que dizem as imagens jornalísticas sobre os negros? Quais os atos de discriminação? Quais conquistas foram apresentadas? O professor enquanto mediador de conhecimento deverá promover momentos de “oficinas de leitura”, com o jornal; poderá separar páginas consideradas



WALQUÍRIA JANUÁRIO CAVALCANTE, THAIS GOMES DE VASCONCELOS, ALBA CLEIDE CALADO  
WANDERLEY – Universidade Federal da Paraíba

relevantes para começar uma conversa e discutir o tema escolhido, seja em forma de jogo, adivinhação, poesia, rima ou qualquer outra forma que incentive despertar nos alunos o gosto pela leitura e sobre a história do povo africano, trabalhando livros literários que tratem de diversidade, desmistificando o que muitas das vezes em casa é discurso sobre o que é ser negro. Percebe-se isso pelo tratamento que as crianças têm umas com as outras, o modo de falar e as brincadeiras que, “mesmo sem intenção”, têm o racismo ocultado, pois o negro não se identifica e nem é identificado pela família como afro-brasileiro.

Discutir tais situações só foi possível a partir de uma longa história de luta, que possibilitou a formulação de leis como: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 20 de dezembro de 1996, artigo 26, parágrafo 4º, que direciona para o ensino de história do Brasil a formação do povo brasileiro e assim destacando as de matrizes africanas; e a Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, artigo 26-A, parágrafos 1º e 2º, que “estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, no ensino fundamental”. Diante da invisibilidade da história da África nos livros didáticos e discursos nas instituições escolares, de forma a reconhecer as contribuições dos povos africanos, foi necessário implantar uma lei, porém, ainda não se conseguiram visibilizar de maneira concreta estas leis. Certos livros didáticos já trazem temas como o Movimento Negro, porém o professor precisa explorar mais esses recursos; as instituições escolares têm livros específicos sobre a história da África e seu povo, mas ficam guardados na biblioteca. O problema agora não é mais ter livros, recursos e matérias didáticos que discutam o tema, mas a lei ser cumprida, por gestores e professores, que devem buscar formação e incentivar uma discussão reflexiva, buscando ajudar na construção da identidade das crianças, formando cidadãos conscientes e críticos quanto aos seus direitos e deveres.



WALQUÍRIA JANUÁRIO CAVALCANTE, THAIS GOMES DE VASCONCELOS, ALBA CLEIDE CALADO  
WANDERLEY – Universidade Federal da Paraíba

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer duas situações divergentes nos jornais mostra possibilidades de leituras, que por sua vez devem servir de estímulos para os professores promoverem a pesquisa e o debate reflexivo durante suas aulas. A semiótica abre um leque de interpretação, ensina a ter outro olhar, ao se analisar tanto um texto escrito quanto imagético. A diversidade existe, e os professores devem ter consciência de que são meios para oportunizar às crianças a desmistificação do preconceito cravado nelas. São disponibilizados vários meios e traz-se aqui um recurso didático que ajudará na compreensão e construção de identidade, pois “a partir do outro que me reconheço enquanto cidadão”. O professor tem essa “autoridade”, que aqui não se refere ao “autoritarismo”, mas propriedade para abordar uma conversa que mostre elementos e situações para contribuir para a formação, não só letrada, mas social também.

Considera-se, pois, de suma relevância a abordagem da afrocentricidade e a da semiótica, visto que abrem um leque de sugestões para se trabalhar com o jornal de forma criativa no processo de ensino-aprendizagem das crianças.

## REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110. (Sanfoka: matrizes africanas da cultura brasileira, 4).

BARROS, Tom. Sertanejos. In: **Jornal A União**, João Pessoa, 1970.

BATISTA, Severino. O sertanejo será sempre um forte? **Jornal A União**, João Pessoa, 1970.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, D.F., 23 dez. 1996.



WALQUÍRIA JANUÁRIO CAVALCANTE, THAIS GOMES DE VASCONCELOS, ALBA CLEIDE CALADO  
WANDERLEY – Universidade Federal da Paraíba

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, D.F., 10 jan. 2003.

CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005.

JORNAL A UNIÃO. II Mostra Paraibana de Umbanda. **A União**, 23 ago. 1970.

LIMA, Andreia Maria de. Representações dos afrobrasileiros em jornais impressos paraibanos espaços de imagens: cadernos e temáticas sobre afro-brasileiros nos jornais impressos paraibanos. **Relatório digitado**, 2017.

MUNANGA, kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil: entrevista de Kabengele Munanga, **Revista Avançada**. Estud. av., São Paulo, v. 18, n. 50, jan./apr. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100005>. Acesso em: 20 jul. 2017.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 319-342.

SANTAELLA, Lúcia. **O Que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Versão pdf).

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELI, Malene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

Recebido em 08 de julho de 2019  
Aprovado em 03 de setembro de 2019